

A história da infância de Jean: uma experiência de Pedagogia Hospitalar

Jean's Childhood Story: An Experience of Hospital Pedagogy

Nicelene Lima da Cruz¹

Belina Almeida Pinto²

Resumo: O objetivo da presente pesquisa consiste em compreender os desafios da pedagogia hospitalar e como essa experiência atravessa a infância de Jean. A metodologia de abordagem qualitativa que se inspira na abordagem história de vida, metodologia que investiga o percurso e as vivências de uma pessoa ou um grupo, visando entender a conexão entre a trajetória pessoal e os contextos sociais e culturais. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a pedagogia hospitalar tem sido muito importante para o processo de evolução da criança internada. A narrativa de Jean e sua mãe, de uma infância vivenciada no âmbito hospitalar de Jean, demonstra os desafios que ainda envolvem essa modalidade, bem como sinalizam que a rotina escolar adaptada pode corroborar para a criança e a família no enfrentamento de uma situação de adoecimento, sendo um sopro de esperança e vida.

Palavras-chave: História de vida. Educação. Infância. Pedagogia hospitalar.

Abstract: The objective of this research was to report the life story of an atypical child facing the experience of hospital pedagogy. The methodology used is based on the life story method, which has a life narrative approach, being a qualitative research technique that investigates the path and experiences of a person or a group, aiming to understand the connection between the personal trajectory and the social and cultural contexts. The results of the research showed that hospital pedagogy has been vital in advancing the literacy of hospitalized children. The educational practice observed in the research through Jean's life story, which is based on the literacy vision that recognizes the child as an active being in the construction and reconstruction of knowledge., promoting their participation in reading and writing activities.

Keywords: Life history. Education. Childhood. Hospital pedagogy

Introdução

Durante muitos anos, as crianças e adolescentes hospitalizados foram marginalizados pelo sistema educacional, por estarem internados, considerados incapazes de dar prosseguimento a seus estudos, essas concepções fizeram com que muitas crianças e adolescentes tivessem uma dupla exclusão social, pois além de

¹ Graduanda em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. E-mail: nicelenelimadacruz00@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. E-mail: belina.pinto@yayoo.com.br

serem penalizados por suas doenças, também não tinham acesso à educação, porém tais concepções foram modificadas, em função dos avanços nas leis e garantias de proteção social a esta população, todavia durante vários anos, a invisibilidade destas crianças e adolescentes foram predominantes.

A saída do ambiente escolar pode ser uma experiência dolorosa, e o suporte hospitalar pode ser um fator facilitador nesse percurso. Quando a criança ou o adolescente retorna à escola sem o suporte necessário para suas demandas, esse retorno pode se tornar complicado e prejudicial. Para que a reintegração seja bem-sucedida, é essencial que haja a colaboração da equipe pedagógica, tanto da Classe Hospitalar quanto da instituição de ensino regular, com o objetivo de garantir a continuidade do aprendizado.

Mas, e quando a experiência escolar da criança ficou restrita desde bem pequena ao espaço hospitalar? Quais os desafios vivenciados pela criança cujo enfrentamento de uma situação específica de saúde não lhe permite conviver com outros pares no ambiente escolar? É nesse lugar que se inscreve essa pesquisa, a partir da história de Jean, uma criança que cresceu circundado pelas paredes brancas de um hospital e vivenciou a pedagogia hospitalar.

O interesse em descrever a história de vida de Jean surgiu como oportunidade de relatar os desafios, aprendizados e vivências de uma criança no âmbito da pedagogia hospitalar, e por compreender a importância das práticas nos hospitais, de como acontece este atendimento ao paciente/aluno(a), nesse sentido, se faz necessário refletir sobre como ocorre e quais são os desafios enfrentados pelos pedagogos no âmbito hospitalar.

A pedagogia hospitalar, o paciente/aluno convive com os desafios de uma enfermidade que inclui rotina específicas. Nesse âmbito, a pedagogia se afirma como fagulhas de esperança num ambiente cujos desafios requerem a todo momento entrelaçamento entre vida e morte. Sabe-se que o professor é um profissional fundamental na busca da qualidade de ensino, por tanto é de extrema importância o trabalho do pedagogo hospitalar, com isso, esse trabalho visa investigar toda sua atuação, com ênfase nas estratégias didáticas. Outro ponto não menos importante desse estudo, é mostrar o quanto é relevante e necessário a implementação da pedagogia hospitalar, para o desenvolvimento e integração das crianças doentes, sabendo que, é de direito das crianças e adolescentes terem momentos de aprendizado, prazer e alegria por meio da pedagogia hospitalar.

O problema norteador consiste na seguinte questão: Quais os desafios da pedagogia hospitalar e como essa experiência marca a história de Jean?

O objetivo geral consiste em compreender os desafios da pedagogia hospitalar e como essa experiência atravessa a vida de Jean.

A metodologia de abordagem qualitativa tem como método de história de vida, o qual tem uma abordagem da narrativa de vida, sendo uma técnica de investigação qualitativa que investiga o percurso e as vivências de uma pessoa ou um grupo, visando entender a conexão entre a trajetória pessoal e os contextos sociais e culturais. O mencionado método buscou focar na escuta e análise das histórias individuais para compreender como as pessoas percebem e atribuem significado às suas experiências (Goldenberg, 2015).

Nesse estudo nos debruçamos sobre a história de vida buscando analisar o seu percurso, tendo como dispositivos de coleta de dados a entrevista com a mãe, que descreveu alguns aspectos pertinentes que serão embasados no presente estudo. Chizzotti (2019) afirma que a abordagem da história de vida proporciona um entendimento mais profundo e contextualizado da vivência humana, ao oferecer espaço para que os indivíduos expressem suas próprias histórias, agregando à pesquisa dados e visões singulares.

Breve contextualização da Educação Hospitalar

A educação hospitalar está circunscrita ao contexto específico dos centros hospitalares, tradicionalmente constituindo um campo pouco conhecido e abordado. Para lá convergem instituições que, por sua essencialidade no mundo da vida do sujeito em idade escolar, têm significado no cotidiano para a educação da criança em condições hospitalares.

A pedagogia hospitalar se concretizou, ou pode-se dizer que realmente surgiu no fim da segunda guerra mundial, em 1945, embora haja registros de antes praticada como falado anteriormente foi exatamente nesse período em particular, que se tornou mais frequente. Segundo Amorim (2011), o trabalho do pedagogo hospitalar começou em 1935, quando Henri Siller, inaugura sua primeira escola para crianças inadaptadas nos arredores de Paris, exemplo seguido por outros países, como a Alemanha, França e adaptado nos Estados Unidos para o atendimento de crianças com tuberculose.

No Brasil, no século XX, mais precisamente em agosto de 1950, iniciou-se no Rio de Janeiro com a primeira classe hospitalar, que funcionava nas enfermarias pediátricas. *Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade*. Salvador, ano 12, n. 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

do Hospital Municipal Jesus (Rodrigues, 2012). Porém essa prática só foi reconhecida em 1994 pelo Ministério da Educação (MEC) e regulamentada em 2002.

A Lei 13.716, 2018 garante atendimento educacional aos alunos da educação básica que estejam internados por tempo prolongado para tratamento de saúde. A pedagogia hospitalar vem ganhando espaços nos atendimentos a crianças hospitalizadas, com isso várias instituições brasileiras têm enfatizado a visão humanística.

Pedagogia Hospitalar como campo de atuação emergente do pedagogo

A pedagogia hospitalar visa garantir a continuidade da aprendizagem cultural e educacional dos alunos-pacientes hospitalizados, por meio da adaptação de conteúdos e práticas educativas. As reações à hospitalização podem ser variadas; diante disso, Matos (2019, p. 14) menciona que —a pedagogia hospitalar torna-se um suporte essencial para que a criança e ao adolescente compreendam sua doença, recebam a ajuda pedagógica de que necessitam e o apoio emocional, psicológico e social de que necessitam. O autor reflete sobre a relevância da pedagogia hospitalar no âmbito educativo, assim como no suporte psicológico, além de estar presente em todas as fases desse processo: admissão, instância em sala e alta.

Desse ponto de vista, tanto os alunos quanto os professores apresentam determinadas características no contexto hospitalar. Por sua vez, os alunos se deparam com situações estressantes que devem vivenciar constantemente devido ao seu estado de saúde. Apresentam também alterações no caráter e na personalidade, produzidas pelos complexos tratamentos a que são submetidos, além da diminuição da energia e da predisposição para participar de atividades que dificultam o aprendizado.

Quanto ao professor, Costa (2015, p. 56) destaca que —a figura do educador ou pedagogo hospitalar torna-se então um elemento decisivo para o ajustamento psicológico, social e educativo da criança doente, atuando também como intermediário entre a equipe médica, a família e seus escola.

Nesse processo de interlocução do professor(a) com o aluno –paciente e sua família, o educador obtém informações pessoais do aluno que o ajudem a tomar decisões pedagógicas que facilitem a aprendizagem. As rodas de conversa com a equipe médica corroboram com informações importantes sobre o tempo de internação, riscos e cuidados necessários para decidir e planejar que tipo de atendimento educacional o aluno/paciente receberá.

Nessa perspectiva, se faz necessário a escuta do(a) professor(a) da escola de origem do aluno, sendo —essencial desde o momento em que este entra na sala de aula hospitalar, não só para definir em conjunto o apoio pedagógico que será prestado, mas também para promover o desenvolvimento de ações que permitam o vínculo com seu grupo de pares. (BRASIL, 1999).

Algumas práticas educativas no ambiente hospitalar

As estratégias desenhadas podem ter um caráter puramente pedagógico ou lúdico que produz outras instâncias de aprendizagem em torno da língua. Dentro das atividades pedagógicas podemos citar a análise de textos, o registro bibliográfico, as apresentações orais, a leitura de textos em grupo e individuais, comentários de textos, etc., a fim de acompanhar a conduta regular de um aluno para que, quando no momento da reintegração, o aluno-paciente está no mesmo nível que seus pares; A diferença está na forma como essas atividades serão realizadas ou desenvolvidas.

Para avaliação, as escolas hospitalares propõem que o aluno-paciente realize atividades que são avaliadas com instrumentos que se adaptam à sua realidade, como rubricas, *checklists*, escalas de avaliação, etc., que são selecionados, elaborados e modificados para potencializar as demandas dos domínios de leitura dos alunos.

Por exemplo, a leitura e as apresentações orais serão produzidas em um ambiente diferenciado, ou seja, um leito hospitalar ou a casa do aluno-paciente. A leitura nas escolas e nas salas de aula dos hospitais pode ser vista sob duas perspectivas: acadêmica e terapêutica. Em primeiro lugar, a leitura acadêmica reflete-se na utilização de textos como meio para desenvolver competências relacionadas com os objetivos definidos nos programas educativos e nas bases curriculares.

Nesse sentido, a leitura não é considerada um hobby, mas sim uma oportunidade de aprendizagem. Uma estratégia para trabalhar esse tipo de leitura é partir da menor para a maior complexidade; desta forma, a leitura se desenvolverá de forma ordenada e de acordo com as capacidades do aluno. O objetivo é realizar uma leitura crítica eficaz de textos acadêmicos (Lima, 2014).

Nesse sentido, Dias e Rodrigues (2016) mencionam que – ler criticamente nos permite processar informações de diversas fontes, familiarizar-nos com as sequências explicativas e argumentativas dos textos e reconhecer posições epistêmicas nem sempre explícitas. Em segundo lugar, a leitura terapêutica desempenha um papel fundamental no processo de recuperação emocional do aluno-paciente. Isso permite Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

processos de leitura desenvolvidos tanto individualmente quanto por terceiros para tornar a internação hospitalar mais prazerosa.

A leitura serve para fomentar uma visão otimista da sua situação, explorar novas visões de mundo e descentralizar seus pensamentos da doença que o aflige. Um dos problemas que surgem quando se aborda a pedagogia hospitalar (e qualquer outro contexto educacional) é o fator motivacional, considerado um fator determinante na aprendizagem. Carlos Mora, citado por Lima (2014), salienta que motivação é o que induz uma pessoa a realizar alguma ação. No caso do ensino referimo-nos ao estímulo da vontade de aprender.

No contexto hospitalar, a questão motivacional é complexa de lidar, pois os pacientes estudantes apresentam maior grau de sensibilidade por estarem internados, com tratamentos, medicamentos, fora de casa, longe de familiares e colegas. Essas variáveis fazem com que sua disposição para aprender em grande medida seja baixa.

Com estas condições, o(a) pedagogo(a) transforma a leitura numa valiosa ferramenta para motivar os alunos, proporcionando-lhes leituras que lhes sejam significativas e que ao mesmo tempo deem espaço para trabalhar o desenvolvimento do pensamento, o gosto pela literatura e a aquisição de conhecimentos, através de textos sobre diversos temas. Isso, com o propósito de afastá-lo de situações que estejam relacionadas à sua doença. É importante que o professor conheça os interesses de seus alunos para utilizar essas informações e conectá-los com leituras relacionadas a esse interesse e realizar atividades de aprendizagem baseadas nesses temas.

Uma vez que os alunos reconhecem o significado das leituras que realizam e conseguem estabelecer vínculos de relação com a sua realidade e com os pontos de vista dos colegas, dão valor acrescentado à leitura, que se torna uma atividade produtiva. Dessa forma, segundo Libânio (2016, p.77):

O tempo no hospital deixa de ser tempo parado e passa a ser tempo recriado, tempo de imaginação e conhecimento, tempo de partilhar com os outros, com autores e ilustradores que apresentam a sua visão do mundo, que cativam com a força de uma história bem contada, que muitas vezes falam de coisas semelhantes pelas quais passa a criança ou jovem leitor e que dizem com palavras muito boas o que tantas vezes quiseram dizer.

As crianças e jovens que frequentam escolas e hospitais têm claramente uma necessidade educativa especial devido a uma doença permanente ou temporária que os aflige. Por isso, esta modalidade educacional coloca à sua disposição todos os

Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

recursos que o estabelecimento regular não pode lhes oferecer, como atendimento médico, profissionais e infraestrutura adequada para atendê-los.

A necessidade de integração deste grupo de crianças e jovens assenta na premissa de que —todos os alunos têm direito a que sejam oferecidas possibilidades educativas, nas condições mais normalizadoras possíveis, que favoreçam o contato e a socialização com os seus colegas de idade, e que permitam para melhor se integrarem e participarem na sociedade no futuro (Lima, 2014).

Diante desta situação, começou a surgir o termo inclusão educacional, que Loredo e Linhares (2015) define como escolas para todos, sem exclusões, de diferentes culturas e com diferentes habilidades e interesses, desde os mais capazes até os com deficiência. modelo ideal que motiva muitas pessoas comprometidas com a mudança educacional. Nesta perspectiva, seria a escola quem deveria preparar e adaptar-se à diversidade dos alunos e não eles quem recorresse à alternativa educativa que mais lhes convém (Silva, 2012).

Assim, a exclusão e a segmentação das necessidades educativas especiais seriam minimizadas. No caso das escolas e das salas de aula dos hospitais, é difícil falar em inclusão. Tratando-se de crianças e jovens com complicações de saúde, não podem ingressar noutros estabelecimentos porque as opções para o atendimento das suas necessidades definitivamente não existem ou são muito difíceis de satisfazer. Algumas das razões são, por exemplo, que nem todos os hospitais e clínicas possuem escolas ou salas de aula hospitalares, uma vez que não dispõem de recursos, e os regulamentos ministeriais não estabelecem nenhuma medida que os obrigue a implementar este serviço educativo (Lima, 2014).

A pedagogia hospitalar, por um lado, baseia-se, portanto, nos direitos de meninos e meninas à educação de qualidade e à igualdade de oportunidades, e enquadra-se na modalidade da pedagogia social, uma vez que não ocorre no contexto escolar formal e o professor responsável deve estender sua ação a outras pessoas do ambiente; Portanto, essa modalidade de ensino vai além do currículo educacional e abrange de forma abrangente todas as necessidades do menino ou da menina, considerando principalmente o seu estado de saúde. A pedagogia hospitalar tornou-se mais uma variante da educação inclusiva, por ser uma ação multidisciplinar, na qual estão envolvidos diversos profissionais (fonoaudiólogos, psicólogos, profissionais de saúde, entre outros) (Martins, 2018).

Dentro da pedagogia hospitalar, o ator mais importante é o paciente, que

necessita de certos cuidados importantes das pessoas que cuidam dele (médicos, enfermeiros, auxiliares, entre outros). As crianças, em particular, necessitam de cuidados redobrados, devido à sua suscetibilidade e inocência. As crianças compreendem a doença de forma diferente dos adultos: têm uma grande imaginação e muitas vezes dão falsas interpretações às palavras que ouvem, daí a importância de informação adequada sobre como lidar com a doença, adesão ao tratamento médico e recuperação, bem como, e principalmente, o estado emocional (Nóvoa, 1995).

Outro ator importante dentro desta modalidade educacional é o pedagogo hospitalar, que é o profissional especializado e desempenha tarefas importantes no contexto hospitalar. Segundo Silva (2012) a figura do pedagogo hospitalar torna-se um elemento decisivo para o ajustamento psicológico, social e educacional da criança doente, atuando também como intermediário entre o pessoal médico-sanitário, a família e a escola deles. O seu perfil é desenvolvido com a prática diária desta atividade e o apoio de todos.

A posição docente dentro de um hospital varia de acordo com a legislação de cada país e os processos internos de cada hospital. Conhecer esta situação dá ao professor uma ideia de qual o papel que desempenha, quais as suas possibilidades de atuação e a legislação que rege o seu trabalho. Um pedagogo hospitalar deve ser uma pessoa flexível, aberta às mudanças que o contexto apresenta, deve ter grande capacidade criativa e motivadora para realizar o processo de aprendizagem independentemente das circunstâncias, sejam elas favoráveis ou não (Pimenta, 2011).

No âmbito hospitalar, a equipe interdisciplinar assume grande importância, pois, como refere Porto (2008) é essencial o contributo do pessoal médico e de saúde, e dos educadores de sala de aula hospitalar. Uma troca constante de informações com um único objetivo: melhorar a qualidade de vida da criança doente hospitalizada, independentemente da categoria profissional que ocupe. No caso da pedagogia hospitalar, essa equipe é geralmente formada por médicos, enfermeiros, professores, psicólogos, voluntários, entre outros.

Outro elemento importante é o ambiente, especialmente nas salas de aula hospitalares, que surgiu em resposta às necessidades daqueles menores que ficam hospitalizados por um tempo considerável e que precisam continuar seu processo no campo educacional. A equipe médica e o pessoal de saúde do hospital podem cobrir as necessidades de saúde; porém, necessitam do apoio de professores ou pedagogos para melhorar a permanência da criança enquanto ela estiver internada (Souza, 2018).

A educação contém uma grande complexidade que advém não só do seu caráter ideológico e social, mas também da sua evidente relação com a existência humana. Apoiando-se em elementos que evoluíram historicamente a educação e o homem, seu comportamento e manifestações a partir do fenômeno educacional no âmbito das ciências da educação. Que busca a explicação e compreensão da tarefa pedagógica, suas origens e propostas na recorrência histórica de uma forma minuciosa de interpretar o homem desde a dimensão social e educacional (Souza, 2011).

A sala de aula é um local onde a criança encontra experiências gratificantes em vários níveis; primeiramente, ele está vinculado a um professor acolhedor e sensível que o recebe para responder a necessidades importantes e básicas como ser tratado com carinho, brincar, interagir e aprender. A sala de aula também permite que a criança se comunique com seus amigos e familiares, e assim não se isole socialmente devido à sua condição, nesse sentido é muito importante.

O principal objetivo da educação é retirar o homem do seu individualismo inato, e inseri-lo na sociedade, ela deve socializar o indivíduo (Lima, 2014). Dentro dos propósitos perseguidos pela educação, encontramos três pontos importantes a destacar no indivíduo, no seu corpo, na sua inteligência e nas suas faculdades morais e religiosas. Este desenvolvimento contribuirá para a preservação da saúde, prolongando a vida do indivíduo, enriquecendo e revigorando a mente e fortalecendo a consciência do indivíduo sobre o bem e o dever. É o que Valera chamou de “natureza tripla do homem” (Tanuri, 2000, p.124).

A pedagogia hospitalar ganhou grande importância porque seu interesse está voltado para o atendimento educacional a crianças e adolescentes que, devido a alguma doença, foram submetidos a um curto ou longo período de internação hospitalar. Permite organizar e desenhar estratégias para promover a aprendizagem escolar no espaço hospitalar, tendo em conta todas as variáveis que influenciam o paciente: doença, tempo de internamento, nível de escolaridade e heterogeneidade etária, entre outras. A educação ministrada no hospital pode permitir que a criança e o adolescente sigam, ainda que parcialmente, seus cursos regulares.

O programa escolar pode motivá-lo e aliviar suas ansiedades, além de levar um estilo de vida mais adequado à sua idade e circunstâncias. A partir da escola hospitalar, a ansiedade pelo desconhecido pode ser reduzida participando com a criança na busca de respostas para suas dúvidas; de tal forma que tudo o que gera comportamentos de criatividade, produção e utilidade ao próximo terá um efeito reabilitador (Souza, 2011).

A intervenção psicopedagógica no ambiente hospitalar

A intervenção psicopedagógica exige especialmente a necessidade de colaboração entre profissionais que atuam na área das doenças infantis, onde se apresenta o papel do pedagogo como agente do cuidado educativo e emocional da criança. Também é necessário um espaço de encontro dentro do hospital onde a criança se sinta acolhida e cuidada em suas necessidades psicossociais. É por isso que no ano 2000 foram implementadas as salas de aula hospitalares, este programa educativo especial em benefício de meninos, meninas e adolescentes em idade escolar que, devido à sua situação de saúde, necessitam de internação por períodos variáveis (Nóvoa, 1995).

As salas de aula são compostas por um ou mais professores, muitos deles com formação prévia em educação especial. Os professores são treinados e acompanhados por uma equipe de assessoria durante todo o ano. Possui um programa educativo baseado na pedagogia da ternura e numa abordagem que combina o didático e o lúdico. O professor desempenha um papel muito importante no processo de recuperação da saúde física e emocional de crianças e adolescentes, pois lhes dá a possibilidade de desfrutar de continuidade no processo educativo e de socialização, auxiliando na geração de resiliência em menores hospitalizados.

Dentro desta perspectiva, assume-se e dimensiona-se o conceito Vygotskyano de Zona de Desenvolvimento Proximal, o espaço, a lacuna ou a diferença entre as habilidades que as crianças possuem e que podemos aprender através da orientação ou apoio que um adulto pode fornecer na tentativa de resolver os problemas práticos da educação. Esta definição é a distância que as crianças devem percorrer entre o que não sabem e o que podem fazer, se o ambiente fornece os recursos necessários, através de um processo de interação social, seja com um adulto ou com um colega que favorece a internalização do Novo ou funções psicológicas existentes (Martins, 2018).

Na mesma ordem de ideias, a educação como ser humano deve ser fomentada num clima de liberdade para que cada aluno comece a aprender por conta própria. Portanto, é necessário redimensionar e repensar a prática pedagógica para alcançar um melhor respeito ao aluno em sua condição humana. Na concepção humanista, o ano letivo centra-se na aprendizagem e na criatividade, o aluno é considerado um construtor do seu conhecimento e o professor um mediador, um promotor do seu desenvolvimento, criador dos seus problemas e criador de um clima de respeito. e reciprocidade (Pimenta, 2011).

Em suma, a pedagogia hospitalar, apesar de existir há décadas na Europa, ainda tem muito a avançar. Sabemos que podemos ter muito mais para oferecer do que aquilo que fazemos agora nos nossos hospitais, uma vez que vivenciar algo tão difícil e desagradável como uma tarefa pode acabar sendo uma oportunidade única para o paciente e sua família poder fazer melhor e desenvolver todos os pontos fortes que você tinha e não conhecia. A pedagogia hospitalar é uma modalidade que atende à continuidade do processo educativo (Costa, 2015).

Jean: uma experiência de pedagogia hospitalar

Jean é um garoto de 13 anos, repleto de energia, esperto e com uma forte fé. Uma de suas atividades favoritas é abrir a Bíblia logo ao despertar. Atualmente, ele está no 6º ano do ensino fundamental e adora a leitura de livros. Seu maior desejo para o futuro é se tornar caminhoneiro. Assim como muitos meninos da sua idade, ele também é apaixonado por videogames, aproveitando as diversas tecnologias disponíveis.

Dos seis aos oito meses, Jean foi diagnosticado com neuroblastoma, considerado câncer pediátrico que afeta o sistema nervoso simpático, o seu tratamento envolveu cirurgia e tratamentos radioterápico, conforme o relato de sua mãe.

Minha gestação foi ótima, e fiquei radiante ao descobrir que estava esperando um bebê. Quando recebi a notícia, já havia completado dois meses. Fiz o pré-natal corretamente e realizei todos os exames necessários. Após concluir os exames, retornei ao médico para apresentar os resultados. Foi um momento repleto de felicidade e realmente me senti realizada (Relato da mãe de Jean, 2025).

Segundo a mãe, no oitavo mês de gestação, começou a experimentar intensas dores e fez várias visitas ao hospital, sendo internada, e tendo que lidar com muito desconforto até a hora do nascimento, após 42 semanas o parto teve que ser uma cesariana. O nascimento conforme a mãe ocorreu sem complicações, apesar disso, Jean nasceu com saúde, passou por todos os testes e os resultados foram satisfatórios.

Contudo, aos seis meses, surgiram algumas lesões nas mãos, entre os dedos, que pareciam tão sérias que davam a sensação de que os dedinhos poderiam se soltar. Foi realizado exames e identificado uma infecção. Ele iniciou um tratamento e o médico nos acompanhou com orientações constantes.

Os sintomas apresentados por Jean foram: dores abdominais, sempre em um
Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27,
p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

lado específico, irritação e choro frequentemente. O médico afirmava que era algo comum, que provavelmente se tratava de gases. O relato da mãe deixa emergir que ela desconfiava que tinha algo a mais, posto que as dores de seu filho continuava m intensas até sua internação no hospital.

Quando ele foi internado passou a conviver com outro universo, com um ambiente marcado por uma atmosfera de constante tensão e alta demanda envolvendo diferentes profissionais, rotina hospitalar, relação com outras crianças com diferentes comorbidades. Dessa forma, a angústia, o temor da morte, a dor de ver sua criança enferma, a preocupação com a separação do lar, se tornaram presença constante, afetando, de certa maneira, a relação entre mãe-filho. O relato de sua mãe nos insere nessa experiência.

A suspeita se confirmou: havia um tumor no estômago. Ele passou por uma cirurgia para confirmar o diagnóstico, embora os exames já indicassem claramente o que era. A cirurgia confirmou: tratava-se de um neuroblastoma. A partir daí, ele iniciou o tratamento. Neuroblastoma é um tipo de câncer que se forma a partir de células nervosas imaturas, chamadas neuroblastos. Ele acontece principalmente em crianças pequenas e geralmente começa nas glândulas adrenais (acima dos rins), mas também pode surgir na barriga, tórax, pescoço ou perto da coluna vertebral (Relato da mãe de Jean, 2025).

O ambiente de um hospital, assim como uma sala de aula, é diverso, apresentando diferentes formas de conhecimento. O hospital é um lugar de tensão, de medo, angústias, cura, vitórias, fins e começos. É nesse cenário, que a história de Jean é constituída.

E assim começou a nossa luta: quimioterapia dos dois aos três anos de idade. Depois, continuou o tratamento até os cinco anos, quando ele finalmente fez o transplante de medula. Quando ele tinha cinco anos e iniciou as medicações, a rotina do tratamento foi a seguinte: ele fazia quimioterapia no ambulatório, onde recebia as medicações. Sempre que precisava, ele era internado, mas as quimioterapias eram sempre realizadas no ambulatório, nunca chegou a fazer quimioterapia durante as internações (Relato da mãe de Jean, 2025).

Dessa forma, foi vivenciando a luta pela vida que se deu a inserção de Jean no processo da pedagogia hospital, de forma gradual. As pedagogas realizaram rodas de conversa com a mãe e, em seguida, desenvolveram atividades de leitura e escrita com o intuito de avaliar as habilidades de escrita da criança. Com as informações coletadas em fichas, planejaram atividades que visavam aprimorar a escrita no período seguinte.

Quando ele começou o tratamento, a mãe percebeu que seria importante manter Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

o vínculo com a aprendizagem, mesmo estando fora da escola convencional. Foi então que a equipe do hospital lhe apresentou a classe hospitalar, um espaço criado especialmente para crianças em tratamento, mas que não podem interromper seu desenvolvimento escolar e social.

A vivência na classe hospitalar, conforme a mãe ocorreu de forma muito acolhedora e carinhosa. Desde o início, as professoras e os profissionais da classe hospitalar acolheram Jean com muito amor, paciência e dedicação. Eles entenderam as limitações e as necessidades do aluno-paciente, e foram adaptando as atividades conforme sua disposição e seu estado de saúde. Ele começou participando aos poucos, fazendo atividades leves, como desenhos, pinturas e jogos pedagógicos, até que, com o tempo, foi se envolvendo mais, aprendendo a ler, a escrever e a se comunicar com mais confiança.

A classe hospitalar não foi apenas um espaço de aprendizagem, mas também de acolhimento emocional, onde ele pôde conviver com outras crianças, fazer amizades e se sentir incluído, mesmo num ambiente tão delicado como o hospital. Foi fundamental para que ele não se sentisse isolado, e para que continuasse desenvolvendo suas habilidades cognitivas e sociais.

A história de Jean ilustra a importância da pedagogia hospitalar. A mãe, menciona sobre a alegria ao ver Jean sendo bem cuidado e estimulado. Assim como o próprio Jean lembrando sua trajetória no ambiente hospitalar, hoje aos quinze anos, percebe que fala, a classe hospitalar foi uma parte essencial da sua trajetória para a cura.

O que eu mais gostava eram as aulas de arte. Adorava fazer pinturas com lápis de cera e tinta guache. Sempre participava dessas atividades com muita alegria. Também gostava de ficar na sala de computação, onde me sentia mais à vontade. Além disso, gostava de brincar de dominó com os meninos. Já as aulas de Matemática e leitura eu achava mais difíceis e não gostava tanto (Fala de Jean, 2025).

Ao longo do processo de internações de Jean durante a sua infância, nota-se a presença constante da figura materna, que assume um lugar essencial nesse itinerância solitária, dedicou sua vida aos cuidados do filho integralmente. Souza e Oliveira (2003) assinalam que a mãe exerce um papel de mediação entre a criança e a equipe hospitalar, observando nuances e transformações que ocorrem no processo de evolução da enfermidade

Assim, na fala da mãe fica evidenciado os desafios e sentimentos que lhe

acompanharam nesse percurso. Sentimentos, que comumente tentava esconder da criança para que não interferisse em seu bem-estar. A solidão, longe da família, o medo da situação de adoecimento de seu filho, as angústias dessa trajetória eram submersas, porque ela precisava se mostrar forte, estar bem, para poder cuidar dele e fazer tudo o que era necessário. O desafio de ser mãe sozinha, sem apoio do pai para compartilhar torna o processo ainda mais desafiador como fica visível na fala da mãe.

Ele fazia quimioterapia no ambulatório, onde recebia as medicações. Sempre que precisava, ele era internado, mas as quimioterapias eram sempre realizadas no ambulatório, nunca chegou a fazer quimioterapia durante as internações. A minha maior dificuldade foi enfrentar tudo sem a presença do pai dele. Eu estava sozinha, longe da minha família — da minha mãe, das minhas irmãs — e sempre tive que fazer tudo só com ele (Relato da mãe de Jean, 2025).

No âmbito da pesquisa, observamos a solidão do papel da mãe, devido a ausência paterna e da família (que morava no interior). Realidade em grande medida da mulher brasileira. Nesse sentido, a escuta da mãe de Jean acena para uma problemática fundante que pode ser objeto de outros estudos.

Quando fala sobre pedagogia hospitalar, destaca o papel dos professores, o cuidado e o acolhimento tanto para ela como para Jean. Segundo a mãe, a professora foi essencial para Jean, porque foi com ela que aprendeu a ler, a descobrir um mundo novo. A sua narrativa é marcada por lembranças de afeto, ao falar que nunca esquecerá a professora: *“fui até a professora dele, a abracei com todo o meu coração e agradei profundamente. Para mim, um professor é como uma segunda mãe, alguém que cuida, que ensina, que acolhe e que ama”* (Relato da mãe de Jean, 2025).

Ao ser questionado sobre a sua vivência sobre suas experiências como estudante na classe hospitalar, Jean afirmou:

No momento da aula, quando eu estava na Casa de Apoio, eu costumava fugir, pois não queria fazer as atividades. Havia uma sala onde o professor dava aula de computação, e eu gostava de ficar lá. Sempre que a minha mãe e as professoras me procuravam, eu estava na sala de computação. A professora queria que eu participasse da atividade de Matemática, mas, como eu não sabia muito bem a matéria, eu fugia e ia para outro local. A minha mãe reclamava comigo e dizia: “Você precisa aprender a ler, não é só ficar no computador! Você precisa ler e escrever.” Aí eu ficava triste, porque tinha que voltar para a salinha (Fala de Jean, 2025).

Nesse estudo, ficou evidente o quanto a pedagogia hospitalar pode atuar de

forma benéfica para o aluno-paciente. As atividades escolares corroboram para reduzir a ansiedade das crianças numa possível alta médica. Assim como, eleva sua autoestima e bem-estar. (NAHIME *et al*, 2021) Nos atendimentos pedagógicos realizados, de acordo a mãe do Jean, o pedagogo envolveu as mães nas atividades de seus filhos. Essa participação foi resultado também da experiência que elas vivem no ambiente hospitalar, onde atravessam esse momento ao lado de seus familiares. Assim, as atividades se tornam uma forma de relaxar e escapar ao menos temporariamente do sofrimento que enfrentam.

O profissional deve ter uma abordagem criativa ao utilizar o ambiente, possibilitando a realização de dinâmicas teatrais e a sugestão de métodos e materiais diferentes para a criação de jogos e brinquedos. Assim, as aulas em hospitais têm uma pedagogia que se fundamenta em uma educação estruturada, onde o planejamento do ensino, a avaliação e o convívio entre crianças e educadores são essenciais. É fundamental que o ambiente hospitalar ofereça um local onde as crianças possam mostrar suas produções (como murais) e tenha espaços para armazenar lápis, papéis, cadernos e outros materiais (Loredo; Linhares, 2015).

Conforme afirmam Matos e Mugiatti (2017), a prática pedagógica, em contextos e circunstâncias diversas, como no hospital, oferece um leque de oportunidades para a evolução e ampliação das competências do Pedagogo/Educador. Assim, buscamos experiências em diferentes ambientes e com variados indivíduos para aprimorar o entendimento teórico sobre a educação em situações de enfermidade.

O que eu gostava mesmo eram as atividades de pintura. Até hoje eu tenho um livrinho — só não sei onde está — que fiz com lápis de cera. Mas, quando eram outras aulas, eu não gostava, então saía e ia para outra sala. Eu também gostava muito de pintar com tinta guache, aí sim eu participava da atividade. Até hoje eu tenho um quadro; ele está ali, na parede. Sempre olho para ele e me lembro dos momentos que passei naquela época, quando eu estava na Casa de Apoio, em São Paulo (Fala de Jean, 2025).

Durante a permanência do Jean no contexto hospitalar devido a sua condição de saúde a abordagem metodológica iniciava-se com atividades de pintura, levando em conta o conhecimento anterior por meio da participação, respeitando suas hipóteses e limitações. Foi importante destacar que a leitura é promovida de forma lúdica. Essa metodologia ofereceu ao Jean a possibilidade de ler e escrever, mesmo que ainda não dominasse as formas convencionais de leitura e escrita. De acordo com Dias (2016), a leitura serve como uma preparação para as atividades que seriam realizadas

Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

posteriormente.

Diante disso, verifica-se que a Pedagogia nos hospitais representa uma abordagem essencial que está se consolidando no campo da educação, reconhecendo que essa não deve ser limitada somente ao ambiente escolar, mas também se estender para outros contextos, como o hospitalar, que agora se torna um espaço de aprendizado associado à saúde. De acordo com Matos e Mugiatti (2007), a Pedagogia Hospitalar é uma forma alternativa de educação continuada que vai além do ensino formal, pois estabelece diretrizes para atender as necessidades especiais temporárias do aluno em ambientes hospitalares ou domiciliares.

As brincadeirinhas que tinham lá eram só futebol e mais algumas coisinhas. O pessoal chegava para brincar com as crianças, estudar e também para os passeios. Sempre tinha momentos de brincar, aprontar e passear, ficávamos passeando. Futebol eu ainda não jogava, mas tinha um dominó, e eu gostava de brincar com os meninos. A gente jogava dominó no corredor da sala da casa. Era só isso mesmo (Fala de Jean, 2025).

A fala de Jean demonstra a importância de uma formação profissional que potencialize a ludicidade e as experiências das crianças, resgatando as culturas infantis. Quando diz —mais algumas coisinhas, deixa pistas que os educadores que se fizeram presentes na história de Jean desenvolviam atividades diversificadas que lhe ajudavam no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

A separação da criança enferma de seu convívio social e de sua rotina habitual pode impactar negativamente seu desenvolvimento. Afinal, os aspectos afetivos e cognitivos, o convívio social e a brincadeira são cruciais para o crescimento saudável da criança.

O educador precisa encontrar em si o verdadeiro significado de "educar", devendo ser um exemplo vivo de seus próprios ensinamentos e transformar sua profissão em uma prática que colabore para o enriquecimento da vida. Para isso, é essencial que ele busque, inove e amplie seus conhecimentos pedagógicos, além de diversificar sua cultura geral e explorar novas oportunidades educacionais que possam, de certa forma, atenuar e garantir a continuidade do aprendizado.

Nesse contexto de possibilidades educativas, é importante destacar um ambiente educacional específico — o hospital — onde crianças estão em período de escolarização, mas afastadas do ambiente escolar convencional, muitas vezes por longos períodos devido a doenças. Por isso, torna-se crucial a adaptação do

local habitual de aprendizagem — a escola — para o ambiente hospitalar (DIAS, 2016).

Os recursos mais comumente utilizados, segundo a genitora de Jean, tanto na classe interdisciplinar quanto nos leitos, são os textos, o alfabeto móvel e os jogos. A partir dessas informações, notou-se que esses recursos foram apropriados para trabalhar naquele momento de fragilidade do Jean.

O alfabeto móvel permite que as crianças reflitam sobre a escrita, já que elas podem identificar palavras e perceber a ausência ou o excesso de letras com base em suas próprias hipóteses. Este recurso para o Jean foi essencial para o trabalho com a escrita nos leitos, visto que as enfermarias carecem de ferramentas presentes nas salas interdisciplinares, como quadros brancos ou mesas para escrita. Durante as observações, ficou claro o entusiasmo dele em participar das atividades, exemplificado por uma delas que demonstrou grande superação, apesar das dificuldades enfrentadas.

Outro recurso importante foram os textos do tipo receituário e bula, que se encaixam na realidade no ambiente hospitalar. Ao trabalhar com esses gêneros textuais, a leitura e a escrita se tornam ferramentas que ajudaram ao Jean entender a função social desses textos, ao mesmo tempo em que ela aprende informações relevantes para sua saúde por meio da escrita.

Os jogos utilizados também tiveram um papel significativo, pois permitiram que Jean refletisse, formulasse hipóteses e promovesse momentos de socialização e interação, essenciais para o aprendizado no contexto hospitalar. Essas experiências ajudaram a resgatar a vivência da criança.

Silva (2013) menciona que a pedagogia hospitalar representa uma abordagem educacional dentro do contexto hospitalar, com o intuito de assegurar o acesso à educação para crianças e adolescentes que estão internados ou passando por tratamentos médicos extensos. Essa metodologia combina saúde e educação, proporcionando suporte pedagógico e emocional, com a meta de manter a aprendizagem e promover o bem-estar dos jovens pacientes.

Considerações finais

O ambiente de um hospital, assim como uma sala de aula, é diverso, apresentando diferentes formas de conhecimentos. Nesse cenário desafiador, complexo, muitas vezes hostil e incerto se inseriu esse estudo, buscando conhecer a história de Jean, e os desafios que envolvem a pedagogia hospitalar.

Nessa itinerância de pesquisa qualitativa, Jean e sua mãe foram escutados, relembrando o percurso de uma longa experiência de internações iniciada aos dez meses até aos onze anos. Desse modo, Jean viveu sua primeira e segunda infância entre paredes brancas, remédios, cama e macas, cirurgias, profissionais de saúde e vivenciado os desafios da pedagogia hospitalar.

Este momento de interação com pedagogos e outras crianças hospitalizadas representa uma oportunidade crucial para que a criança se expresse e utilize sua imaginação por meio de práticas pedagógicas diferenciadas para que avance em seu processo de desenvolvimento. A rotina escolar contribui para a evolução do quadro clínico da criança. Os recursos utilizados são de natureza social e lúdica, visando incentivar a interação com a cultura da escrita e da leitura.

A pesquisa mostrou que existem muitos desafios na pedagogia hospitalar, desde a adequação do espaço interdisciplinar até a criação de uma prática pedagógica efetiva que garanta ao sujeito o direito de continuidade aos estudos, em situação de adoecimento. No caso de Jean, foi de inserção a educação, tendo em vista que ainda não conhecia o espaço da escola convencional.

Portanto, a pesquisa revela que a Pedagogia hospitalar desempenha um papel significativo no processo de aprendizagem da criança, corroborando para a evolução do processo de enfermidade. A abordagem educacional especificamente de Jean foi fundamentada na visão de que a alfabetização envolve uma criança ativa, que pensa e constrói seu conhecimento de forma dinâmica. Acredita-se que esse aprendizado é impulsionado por meio de textos e suas diferentes formas, que se conectam as práticas sociais.

Os instrumentos utilizados foram voltados para a relação social com a língua escrita, de maneira lúdica, a fim de promover a interação com a cultura escrita. No entanto, existem diversos desafios, desde a configuração da sala interdisciplinar até a elaboração de uma prática pedagógica diante de uma nova realidade educacional, que ainda é pouco explorada nos círculos acadêmicos e por especialistas. Portanto, observa-se que há muitos obstáculos que a pedagogia hospitalar enfrenta, mas também a determinação de realizar um trabalho diferenciado na instituição com crianças em fase de alfabetização.

A história de Jean nos mostra como a pedagogia hospitalar foi importante em seu percurso de internações. Ao lutar pela vida, entre exames, cirurgias, remédios e seus efeitos colaterais, os encontros com professores e professoras, os recursos pedagógicos adaptados, as brincadeiras e conhecimentos foram um aceno de Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

esperança e de vida.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 20 abril 2025.

CHIZOTTI A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez; 2019.

COSTA, R. A. R. **Identidade do pedagogo**: formação e atuação. 2015. XII Congresso Nacional de Educação. 2015.
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16596_10509.pdf]

IAS, M. M. T. da S; RODRIGUES, K. G. **Pedagogia hospitalar**: o pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares. XIII Congresso Nacional de Educação. 2016. https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf

FARFUS, D. **Espaços educativos**: um olhar pedagógico. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FURLAN, C. M. A. **História do curso de pedagogia no Brasil**: 1939-2005.
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/164_885.pdf

GOLDENBERG M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3ªed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record; 2015.

GOMES, J. O.; RUBIO, J de A. S. Pedagogia Hospitalar: a relevância da inserção do ambiente escolar na vida da criança hospitalizada. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n. 1, 2012.
<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Janaina.pdf>

JESUS, V. B. G. de. Atuação do pedagogo em hospitais. In: MATOS, Elizete Lúcia (Org.). **Escolarização hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIBANEJO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, Curitiba, n.17, p. 153-176, Jun. 2001. <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>

LIBÂNEO. **Pedagogia e pedagogos**, para quê? 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

LIMA, C. C. et al. **A educação em ambiente hospitalar**. 2014.
https://www.pedagogia.com.br/artigos/educacao_ambiente_hospitalar/index.php?pagina=1

LOREDO, C. de C.; LINHARES, P. V. **Pedagogia hospitalar**: refletindo sobre o papel do professor junto à criança hospitalizada, 2015.

MARTINS, E. **O que é e como realizar uma pesquisa de campo em trabalhos acadêmicos**. 2018. <https://blog.mettzer.com/pesquisa-de-campo/>

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas.

Cairu em Revista – Sociedade, Educação, Gestão e Sustentabilidade. Salvador, ano 12, n, 27, p. 1-20, jan./jul. 2025, ISSN 2237-7719.

Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. 4. ed. Rio de Janeiro: vozes, 2019. p. 65-85.

NARIME, J.G DA S.; OLIVEIRA,E.C.S.; OLIVEIRA,F.M.; NAHIME, B.DE.;REIS, I.C.DOS.; ALVES. M.M. Pedagogia Hospitalar, Um Novo Desafio Para o Profissional da Educação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.5, p.45398-45415 may. 2021.<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29400/23189>

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Coord.). Profissão professor. Porto: Porto, 1995. PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PORTO, O. **Psicopedagogia hospitalar: intermediando a humanização na Saúde.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SILVA, A. **O papel do pedagogo hospitalar: qual é a importância do pedagogo no ambiente hospitalar?** 2012.
<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papelpedagogo-hospitalar.htm>

SILVA, M. do C. da. **Pedagogia hospitalar no Brasil: atuação docente nas classes hospitalares.** 2013. http://educere.bruc.com.br/ANAI2013/pdf/9478_6809.pdf .

SOUZA, A. M. de. **A formação do Pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB.** Linhas Críticas, v.17, n.33, p.251-272. <https://doi.org/10.26512/lc.v17i33.3725>

SOUZA, A. M. **A formação do Pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB.** Linhas Críticas, v.17, 2011, maio/agosto.<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193521546005> .

SOUZA, Carla Cristina Fernandes de; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos. A participação da mãe nos cuidados ao seu filho hospitalizado: Uma perspectiva da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, 379 Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 379 - 387, dezembro 2003.

TANURI, L. **História da formação de professores.** In: SAVIANI, D.; CUNHA, L. Antonio; CARVALHO, M. M. C. de. 500 anos de educação escolar. São Paulo: ANPED/Autores Associados, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.